

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL
Departamento de Ensino Doutrinário
CURSO DE EXPOSITOR

INTRODUÇÃO À COMUNICAÇÃO

- *Oração diante da palavra.*
 - *Posso aprender a falar?*
1. A COMUNICAÇÃO.
 - 1.1. Requisitos da comunicação.
 - 1.2. O comunicador e o público.
 - 1.3. A forma adequada para se falar em público.
 - 1.4. O comunicador é um formador de consciências.
 - 1.5. Processo da Comunicação.
 2. A COMUNICAÇÃO ESPÍRITA.
 - 2.1. Importância.
 - 2.2. Finalidade.
 - 2.3. Vantagem da divulgação oral.
 - 2.4. Desvantagem.
 3. O EXPOSITOR ESPÍRITA.
 - 3.1. Quem é o expositor espírita?
 - 3.2. Requisitos.
 - 3.3. Meta a ser alcançada.
 - 3.4. Tipos de expositores.
 4. A TRIBUNA
 - 4.1. O conhecimento doutrinário.
 - 4.2. A conduta moral.
 - 4.3. A técnica da exposição oral.
 5. CONSIDERAÇÕES GERAIS – NOSSOS MEDOS
 - 5.1. Domínio de si mesmo.
 - 5.2. Atitude psicológica.
 - 5.3. Seja natural.

6. CONDIÇÕES ESPIRITUAIS

- 6.1. Cultivo da humildade.
- 6.2. Respeito ao próximo e trato fraterno.
- 6.3. Serenidade.
- 6.4. Fé e entusiasmo.
- 6.5. Vivência daquilo que prega.
- 6.6. A mediunidade na exposição.
- 6.7. Sintonia espiritual.

7. O TRATO COM O PÚBLICO

- 7.1. O expositor espírita – regra geral.
- 7.2. Tipos de público.

8. PLANEJAMENTO DA PALESTRA

- 8.1. Escolher o tema.
- 8.2. Pesquisar na bibliografia.
- 8.3. Estudar as páginas escolhidas.
- 8.4. Formular a Questão Central (“idéia mãe”).
- 8.5. Estrutura de uma exposição.
- 8.6. Plano e preparo do tema para palestra.

9. ORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO

- 9.1. Como organizar o pensamento?
- 9.2. Raciocínio.

10. LÓGICA, RETÓRICA E ELOQUÊNCIA.

- 10.1. O que é lógica?
- 10.2. O que é retórica?
- 10.3. O que é eloquência?

11. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

- 11.1. Tabelas de avaliação;
- 11.2. Da preparação;
- 11.3. Da alocução

12. RECURSOS AUDIOVISUAIS

- 12.1. Requisitos para uma boa comunicação.

"ORAÇÃO DIANTE DA PALAVRA"

SENHOR!

DESTE-ME A PALAVRA POR SEMENTE DE LUZ. NÃO ME PERMITAS ENVOLVÊ-LA NA SOMBRA QUE PROJETO.

ENSINA-ME A FALAR PARA QUE SE FAÇA O MELHOR; AJUDA-ME A LEMBRAR O QUE DEVE SER DITO E A LAVAR DA MEMÓRIA TUDO AQUILO QUE A TUA BONDADE ESPERA SE LANCE NO ESQUECIMENTO; ONDE A IRRITAÇÃO ME PROCURE, INDUZE-ME AO SILÊNCIO E, ONDE LAVRE O INCÊNDIO DA INCOMPREENSÃO OU DO ÓDIO, DÁ QUE EU PRONUNCIE A FRASE CALMANTE QUE POSSA APAGAR O FOGO DA IRA.

EM QUALQUER CONVERSAÇÃO INSPIRA-ME O CONCEITO CERTO QUE SE AJUSTE À EDIFICAÇÃO DO BEM, NO MOMENTO EXATO E FAZE-ME VIGILANTE PARA QUE O MAL NÃO ME USE EM LOUVOR À PERTURBAÇÃO.

NÃO ME DEIXES EMUDECEM DIANTE DA VERDADE, MAS CONSERVA-ME EM TUA PRUDÊNCIA, A FIM DE QUE EU SAIBA DOSAR A VERDADE EM AMOR PARA QUE A COMPAIXÃO E A ESPERANÇA NÃO ESMOREÇAM JUNTO DE MIM.

TRAZE-ME O CORAÇÃO AO RACIOCÍNIO SINCERO, SEM ASPEREZA, BRANDO SEM PREGUIÇA, FRATERNAL SEM EXIGÊNCIA E DEIXA, SENHOR, QUE A MINHA PALAVRA TE OBEDEÇA A VONTADE, HOJE E SEMPRE!

MEI MEI

(Psicografia de Francisco Cândido Xavier)

POSSO APRENDER A FALAR?

- Claro que pode! Mas você sabe o que é falar?
- Então não sei? ... Falar... É falar!
- Não. Falar não é... Falar. Falar é expressar o que se sente, comunicar o que se pensa, expor fatos de maneira mais eficaz possível, de modo que seu auditório, desde a criança até o cientista mais evoluído, possa absorver o que você está dizendo.
- Mas a teoria da relatividade... Quer dizer...
- Um momento. Você pode expor a teoria da relatividade a um grupo de pessoas dotadas em matemática superior, mas também pode explicar a uma criança as coisas mais complexas da forma mais simples.
- Mas será a mesma teoria, a mesma coisa?
- As coisas nunca são as mesmas. O ser humano fala a cada instante, dentro de circunstâncias diferentes. É moldado por ele mesmo e pelo auditório. Mas a gente só sabe realmente as coisas quando já as esqueceu.
- Como é?
- Quando as coisas ficarem integradas, de tal maneira em sua personalidade que já não precisam ser ditas de cor. Surgirão com definições suas, palavras suas, sempre que expô-las.
- Mas o senhor não me respondeu, ainda, se eu posso aprender a falar.
- Pode. Todo mundo pode e deve aprender a falar. Mesmo gente sem laringe.
- Como é isso?
- Fica para outro momento. Falar, porém, não é uma coisa que acontece na boca, mas com todo o organismo: com tudo o que somos, pensamos, sentimos. Somos o resultado filogenético e ontogenético.
- O senhor pretende usar palavras complicadas?
- Claro que não! Tudo aí vai com a maior simplicidade. Visto?
- Visto.

(Texto extraído do Curso de Expressão Verbal do Senac)

1. COMUNICAÇÃO

*“ O homem precisa comunicar-se bem:
tecer a palavra e o gesto;
buscar a harmonia dos sons;
lapidar a forma e a beleza das imagens;
colocar-se no lugar do outro;
pulverizar idéias antigas;
reavaliar crenças e valores;
transmutar-se
e escolher os caminhos mais viáveis,
para alcançar a mente e o coração dos ouvintes.”*

(Eunice Mendes, “*Falar em Público: Prazer ou ameaça?*”, Ed. Qualitymark, 1996).

Comunicar (latim “*comunicare*” = por em comum) é uma expressão que define o grande objetivo da humanidade que é o de estabelecer entendimento em comum, através das idéias, imagens e experiências.

A comunicação humana nasceu, provavelmente, da necessidade real e efetiva que se fez sentir desde os mais primitivos estágios da civilização.

A linguagem (escrita, falada ou sinalizada) é a faculdade que têm os homens de se comunicarem uns com os outros, exprimindo seus pensamentos e sentimentos por meio de vocábulos, que se transcrevem quando necessários. Cada gesto, palavra, postura ou olhar é um ato que estabelece uma comunicação. Não existe uma só atividade humana que não seja afetada ou que não possa ser promovida através da comunicação. Nada mais natural, portanto, que o estudo da comunicação mereça lugar de destaque.

1.1 Requisitos da comunicação

Três são os elementos básicos que compõem a estrutura da comunicação: Emissor – Mensagem – Receptor. Cada componente, no processo informativo, desempenha seu papel dentro da peculiaridade inerente a cada um; o Receptor, após decodificar a mensagem, toma conhecimento de seu conteúdo e a qualidade da captação será proporcional à sua capacidade de entendimento; a Mensagem personificará a idéia, estruturada em um código inteligível ao Receptor; e o Emissor, pelas características de sua missão, ocupa um lugar de destaque no processo comunicativo, pois lhe compete burilar a mensagem, dando-lhe o colorido necessário e eficaz para o perfeito entendimento de seu conteúdo.

A tarefa do Emissor não é das mais fáceis. Aquele que se coloca a serviço da comunicação tem que buscar o seu aperfeiçoamento. Portanto, é necessário que tenha razoável nível cultural, conhecimento profundo daquilo a que se propõe transmitir, entusiasmo, ordenação lógica de raciocínio, sinceridade de propósito, naturalidade, boa dicção e, interação com o público ouvinte (empatia).

O que é empatia?

Palavra grega (*em* = dentro do + *pátheia* = sentimento). Forma de conhecimento de outrem, especialmente do eu social; *tendência para sentir como se estivesse na situação de outrem*.

1.2 O comunicador e o público

No processo da comunicação existe, obviamente, aquele que fala e aquele que ouve. Aquele que fala pretende levar sua mensagem de forma clara, objetiva e inteligente, para obter êxito na sua tarefa e, aquele que ouve, exige um bom desempenho do expositor, para entender o tema proposto.

Como sabemos, uma série de fatores interferem na comunicação, que prejudicam o entendimento. O desconhecimento do público é um deles; de acordo com as características do ouvinte devemos alterar a forma de apresentação: ajustando a intensidade da voz, adaptando o vocabulário, ser expansivo ou comedido, selecionar as informações conforme as expectativas esperadas, etc.

A mensagem só será entendida se nos preocuparmos com o público.

1.3 A forma adequada para se falar em público

Para falar em público é imprescindível identificar quem vai ouvir. A forma mais adequada será estabelecida depois de apurada análise.

A mensagem emitida sofrerá distorções de maneira proporcional à capacidade de entendimento de cada ouvinte, em razão da diversidade de conhecimentos; por vezes, há que reformular a maneira de expor buscando atingir os objetivos. Uma palestra pode obter grande sucesso num evento e se constituir em estrondoso fracasso em outro, pelo simples fato de não se respeitar as diferenças do público.

Para encontrar a forma mais adequada para se falar a determinado público é necessário estabelecer um roteiro de trabalho, a fim de colher informações sobre:

- Qual o objetivo da apresentação?
- O que os ouvintes esperam do assunto?
- Qual as características do público?
- Verificar o local e os recursos disponíveis;
- Etc.

Com base nas informações obtidas elabora-se o plano de trabalho, com a certeza de que a palestra atenderá as necessidades e anseios do público.

1.4 O comunicador é um formador de consciências

Consciência, de acordo com o dicionário “Koogan Larousse”, é conhecimento, noção do que se passa em nós; percepção mais ou menos clara dos fenômenos que nos informam a respeito de nossa própria existência.

Em “O Livro dos Espíritos”, questão 115, encontra-se a seguinte indagação: “*Uns Espíritos foram criados bons e outros maus?*” **Resposta:** *Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento.* Portanto, Deus criou os Espíritos sem conhecimento com o objetivo de que evoluíssem com seu próprio esforço, obedecendo à Lei do Progresso.

O comunicador é um agente da informação e, como tal, dispõe de grande poder sobre a sociedade, ou seja, é um formador de opiniões. As transformações sociais têm como responsáveis os grandes comunicadores. A história nos apresenta grandes exemplos: Jesus, revelando o sentimento do amor; Moisés, apresentando o Deus único; Allan Kardec, através da codificação, demonstrou de forma teórica e prática, à luz da razão, que fazemos parte da criação divina, compondo um universo imenso e inteligente, caminhando pelo infinito em busca da perfeição. Outros, também trouxeram suas contribuições: Sócrates, Platão, Voltaire, Karl Marx, Hitler, Descartes, Santo Agostinho. ...

O papel do comunicador é muito importante, porque o futuro da humanidade depende de suas idéias e, sobretudo, de sua elevação moral.

1.5. O Processo da Comunicação

Comunicação é o ato através do qual um agente (emissor) transmite um fato (mensagem) a alguém (receptor).

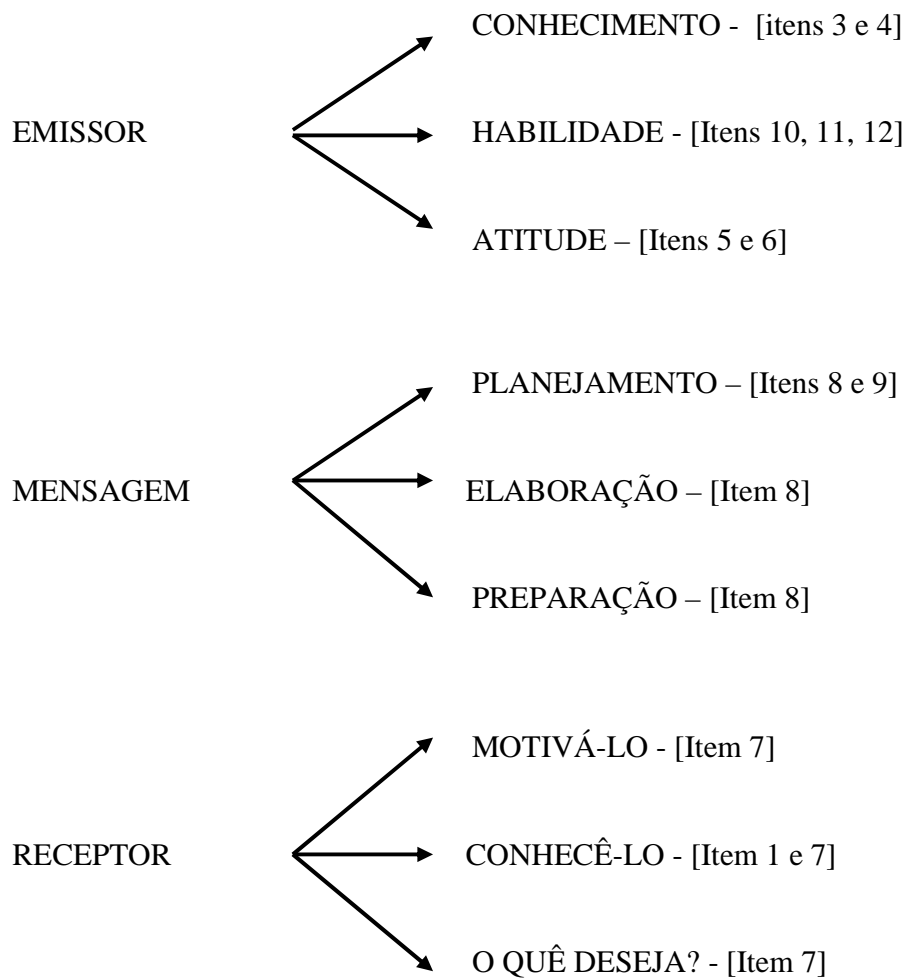
Elementos da comunicação



CÓDIGO: Na elaboração da *mensagem* o emissor deverá utilizar um código compreensível ao receptor.

Para uma comunicação eficiente o emissor deverá aplicar técnicas concernentes a cada elemento da comunicação. De que forma?

EMISSOR	→	CAPACITANDO-SE
MENSAGEM	→	ELABORANDO-A
RECEPTOR	→	CONHECENDO-O



2 - A COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

2.1. Importância.

A exposição espírita pertence ao campo da comunicação, assim como o discurso, a conferência, a aula, o canto, a conversação. É um instrumento importante para expor um pensamento, uma idéia. No caso, um instrumento destinado ao público. É falar em público e falar ao público. Por isso é uma arte, e toda arte merece ser cultivada. A prática conduz à perfeição.

O Espiritismo leva ao progresso intelecto-moral do ser humano; melhorando o indivíduo haverá na terra mais solidariedade e paz. Seus princípios básicos precisam ser compreendidos à luz da razão para, então, se traduzirem em vivência. Eis porque, todo espírita esclarecido, além de estudar a Doutrina e se beneficiar com suas luzes, também procura divulgá-la.

2.2. Finalidade.

- **Informar:** divulgar a Doutrina Espírita;
- **Esclarecer:** tornar compreensível os conceitos doutrinários de modo a atingir a diversidade de público.
- **Conscientizar:** possibilitar uma percepção mais clara a respeito dos princípios doutrinários que nos informam a respeito de nossa própria existência.

2.3. Vantagem da divulgação oral.

- É mais fácil de fazer. Requer apenas, boa vontade, conhecimento e a voz;
- Atinge maior número de pessoas; no Brasil poucos cultivam o hábito da leitura e o poder aquisitivo é baixo e os livros são caros;
- Atinge a sensibilidade do ouvinte, porque a palavra vai impregnada da vibração fraterna do expositor;
- Permite atender os ouvintes em diferentes níveis de conhecimento e compreensão, na necessidade ou expectativa em que se apresentem no momento.

2.4. Desvantagem.

- Passividade do ouvinte;
- Impossibilidade de discordar ou sanar dúvidas (superficialidade do aprendizado);
- Interpretação unilateral do conteúdo;
- Personalização do assunto pela centralização do expositor;
- Dificuldade de se dominar as técnicas de falar para que as palestras se tornem interessantes.

3. O EXPOSITOR ESPÍRITA

3.1. Quem é o Expositor Espírita?

O Expositor Espírita é o divulgador dos postulados da Doutrina; é o instrumento utilizado de forma consciente para a multiplicação da mensagem cristã.

Para obter êxito em sua missão são necessários três requisitos básicos:

- **Interesse pela tarefa:** além do interesse há que ter dedicação, respeito e, sobretudo, AMOR.
- **Estudo:** necessita constantemente ler, analisar, estudar e aprofundar-se nos assuntos doutrinários, participando do movimento espírita, a fim de atualizar-se e adquirir novos conhecimentos. Livros, jornais, revistas, mensagens e, principalmente, as obras básicas de Allan Kardec devem ser companheiras inseparáveis do Expositor Espírita.
- **Comunicação:** O Expositor deve apoiar-se no exercício constante da comunicação, isto é, aproveitar as oportunidades que surgem para exercitar o vocabulário e, concomitantemente, atenuar os sentimentos de timidez. Não pode ser introvertido.

3.2. Requisitos.

- Elevação de sentimentos (elevação moral);
- Espírito de aprendizagem;
- Senso de autocrítica;
- Simplicidade e sobriedade;
- Dedicção à atividade espírita (possuir espírito de serviço à causa e aos companheiros).

3.3. Meta a ser alcançada.

Compreensão da vida e dos problemas humanos.

3.4. Tipos de Expositores.

Todo aquele que expõe um assunto para determinado público, seja numeroso ou não, é um expositor. De acordo com a forma que elabora sua exposição pode ser classificado como professor, orador ou palestrador.

- **Professor:** Faz a exposição tipo aula. Dele se exige objetividade, explicação didática e um mínimo de floreios literários.
- **Orador:** É o poeta da exposição. Dele se espera eloquência, arrebatamento e magnetização da massa.

10

- **Palestrador:** Espécie de fusão entre professor e orador. Alterna características de um e de outro. Quando se inflama passa para a oratória e dela pode ir para a explicação didática. É o tipo de expositor mais adequado para a divulgação doutrinária.

4. A TRIBUNA

Para o público espírita todo expositor que ocupar uma tribuna representa o próprio Espiritismo. A tribuna se constitui no ponto de convergência das atenções de todos os participantes, que buscam encontrar, na pessoa do expositor, as respostas para muitas questões. Assim, tudo o que for dito repercutirá em crédito ou descrédito para a Doutrina. Portanto, não basta ter boa vontade para alguém usar a tribuna espírita. É necessário satisfazer algumas condições:

- Possuir idéias concordes com a Doutrina Espírita;
- Ter moral respeitável;
- Ser dotado de alguma técnica.

Somente devemos confiar a tribuna às pessoas que estejam capacitadas, cujo trabalho é conhecido ou nos foram recomendadas por pessoas confiáveis. Esta cautela previne e evita que ocorram prejuízos doutrinários e situações embaraçosas na tribuna.

4.1. O conhecimento doutrinário.

Quando se fala em público busca-se despertar e convencer as pessoas sobre nossas idéias. Nas exposições espíritas não é diferente, o objetivo é informar e convencer o público, através da persuasão, sobre as idéias espíritas. Portanto, o expositor espírita tem que estar bem informado sobre o conteúdo da Doutrina Espírita. A desinformação levará à divulgação de conceitos errôneos que fatalmente levarão o Espiritismo ao descrédito.

O expositor jamais deve fazer comparações ou referências infelizes a pessoas ou religiões, para que não crie um clima de hostilidade ao Espiritismo ou ao movimento espírita.

Assim, embora o expositor tenha perfeito domínio sobre o conteúdo doutrinário deverá manter-se sempre atualizado, buscando novos conhecimentos técnicos e científicos, pois “quem expõe se expõe”.

4.2. A conduta moral.

O Espiritismo nos conduz para a reforma de nosso ser interior na direção de uma vivência cristã. O Expositor Espírita, imbuído dessa nobre missão

missão, deve se comportar de acordo com os preceitos cristãos, demonstrando em qualquer circunstância, uma conduta digna e respeitável.

Kardec diz que se reconhece o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e *pelos esforços que faz para domar as suas más inclinações.*

11

FALSAS IDÉIAS

*“Não faço preleções em torno do bem, porque
carrego muitas faltas.”*

Eis o engano!

*Aguardar a perfeição para indicar o bem impedir-nos-ia de
Apregoá-la, de vez que, por enquanto, ninguém
existe perfeito sobre a terra.*

*Se as tuas palavras de amor, no conjunto, ainda não refletem
todas as qualidades e sentimentos, pondera que,
ensinando, aprendemos, e que, apontando o roteiro correto
aos outros, somos especialmente obrigados à retidão”.*

(“Seareiros de Volta”, César Gonçalves, psicografia Waldo Vieira, ed. FEB)

Assim, o expositor espírita não pretenderá ser “santo”, mas será alguém sinceramente empenhado em manter um bom padrão moral e uma vivência cristã. Afastar-se-á dos vícios (mesmo os mais corriqueiros, como o de fumar), cumprirá seus deveres no lar, na vida em sociedade, no Centro Espírita, tendo como lema *“Trabalho, Solidariedade e Tolerância”*. De outro modo, o seu mau exemplo anulará suas palavras, por mais brilhantes que sejam. Poderá, ainda, lançar descrédito sobre a moralidade dos espíritas em geral e a dúvida quanto à eficiência da Doutrina na moralização da humanidade.

Todos os recursos e técnicas de exposição poderão malograr, caso o expositor não pratique o que pregue. A principal pregação é a do exemplo.

4.3.A técnica da exposição oral.

Ninguém “faz” um expositor ou um orador. As qualidades são inerentes à própria pessoa, mas, geralmente, qualquer pessoa que deseje poderá fazê-lo, desde que se determine a vencer algumas barreiras, tais como:

- Superar alguns bloqueios;
- Exercitar a oratória (arte de falar em público).

A técnica de exposição oral somente procura aperfeiçoar o talento de quem o tem (às vezes mal canalizado) e mostrar os obstáculos mais comuns e como podem ser superados.

No movimento espírita é imenso o campo para se desenvolverem as potencialidades comunicadoras.

Realizar sempre o melhor possível deve ser o lema do divulgador do Espiritismo.

Técnica e amor – Na oratória a clareza e a simplicidade devem caminhar a par com a objetividade, o conhecimento do assunto e a sinceridade. No entanto, sem amor no coração a mensagem chegará fria, revelando a aridez (falta de sentimento) da alma de quem a pronunciou.

12

No uso da palavra, por ser o maior veículo de comunicação entre os homens, há necessidade de muito equilíbrio e sensatez com relação ao conteúdo, o momento e os sentimentos emitidos, porque podemos construir ou destruir anseios, projetos e sonhos de outras pessoas.

Falemos com doçura às pessoas, sem dramas ou pieguismos (sentimentalidade excessiva, afetação exagerada), de forma a traduzir equilíbrio e, assim, edificarmos e não destruímos; não devemos esquecer que podemos enganar os homens, mas jamais enganaremos Deus.

5. CONSIDERAÇÕES GERAIS – NOSSOS MEDOS

Falar em público é uma habilidade desenvolvida no decorrer do tempo, através de trabalho disciplinado e persistente.

A ansiedade vocal é o grande inimigo de quem fala. É uma perturbação emocional causada por fenômenos gerais e psíquicos. Demonstra, também, o sentido de responsabilidade de quem fala em público. É fundamental que o expositor desenvolva os seguintes aspectos:

5.1. Domínio de si mesmo.

É preciso aprender a dominar a si mesmo. Para a maioria das pessoas, a simples perspectiva de fazer uma palestra basta para deixá-las nervosas e inseguras. O que o expositor pensa, antes de iniciar sua apresentação, a respeito de si próprio, terá efeito determinante em seu desempenho. Suas idéias mentais, ou seja, como se visualiza falando e como visualiza o auditório, irão moldar seu comportamento. Por isso é importante desenvolver a autoconfiança, ou seja, a segurança interior de que realmente pode realizar a tarefa de forma satisfatória. Muitas vezes precisa lutar, com fé e coragem, contra determinadas situações mentais, como por exemplo:

Quadros mentais: Há pessoas que acreditam mais no fracasso do que no sucesso. A tendência é pensar mais ou menos assim: *“Não vai ser fácil. Acho que não vão gostar de minha apresentação... E se der um branco? Eu não deveria ter aceitado este convite....! Onde eu estava com a cabeça...?”* Soma-se a isso a respiração acelerada e uma postura retraída. Depois de toda essa carga negativa como esperar sucesso? Aquilo que se planta é o que se colhe. Por isso, coloque coisas boas em sua mente. Você é o dono de seus pensamentos e pode pensar naquilo que você quiser. Assuma o comando. Visualize-se mentalmente falando com entusiasmo e determinação, sendo claro e convincente na sua apresentação. Visualiza o auditório atento, interessado em sua mensagem.

Erros de percepção: Outro aspecto que deve ser observado é que os expositores raras vezes parecem tão assustados como se sentem; a imagem que ele pensa que transmite aos ouvintes não é real. Ele pensa que todos estão percebendo seu total nervosismo, porém isso não ocorre, ou seja, seu nervosismo é bem mais interior do que exterior. É fundamental reformular essa percepção equivocada, pois ela tem influência determinante no comportamento do expositor.

13

Medo do desconhecido: O temor ao desconhecido também não deixa de ser uma experiência normal, comum, que indica que somos iguais à maioria das pessoas. Mesmo os expositores mais experimentados sentem uma carga de tensão ao iniciar sua apresentação. A diferença é que, após certa experiência, o expositor, ao invés de se deixar abalar pela tensão, transforma-a numa carga adicional de energia que o torna mais enfático e enriquece sua expressão. Cabe ressaltar, também, que o público normalmente torce pelo êxito do expositor.

5.2. Atitude psicológica.

O público sempre está curioso e desejoso de conhecer e aprender alguma coisa, para viver melhor. Por isso, qualquer que seja o gênero oratório, o expositor sempre terá

ouvintes para ouvir suas mensagens, principalmente as de cunho espiritual, e nós temos a Doutrina Espírita para lhes oferecer.

5.3. Seja natural.

Quem se levanta para falar em público torna-se, nesse momento, a figura principal. Não é uma questão pessoal, mas da função que está exercendo naquele instante. Portanto, aceite a atenção geral com naturalidade. Petulância, afetação, arrogância, empáfia, ostentação farão o público mudar a atitude receptiva inicial e tornar-se refratário e até hostil a você. Seja natural, seja você mesmo. Não imite gestos, voz, fraseado ou o estilo de outro expositor. Você acabará por descobrir ou criar o seu próprio estilo.

Ascendência sobre o público: O expositor deve conquistar o auditório desde o primeiro instante (estabelecer empatia, ou seja, ganhar sua confiança e simpatia) para poder discorrer livremente sobre o tema. Como fazer isso?

- **Goste do público e o demonstre:** sinta que o público é uma alma coletiva e está pronto a ouvi-lo, em clima de agradável expectativa. Seja fraterno e mostre-se simples e atencioso, vibrando simpatia e bondade.
- **Deseje transmitir a mensagem:** O expositor que conhece o assunto e está bem preparado sempre tem um ardente desejo de transmiti-lo; deve fazê-lo com o mesmo entusiasmo e interesse que o assunto lhe despertou. Entusiasmo e interesse são contagiosos. Se você tiver interesse e entusiasmo no que está dizendo o público se interessará e se entusiasmará também.
- **Confie em si mesmo:** Seja modesto, mas não tímido. O público espera que você lidere a ação, já que está com a palavra. Se o expositor não demonstrar confiança, como pretender conquistar o público? Assim como o lavrador olha a terra quando semeia, o orador, igualmente, deve olhar com confiança para a assistência ao proferir as primeiras palavras. Procure fixar-se mais no que tem a dizer do que em você mesmo, pois o auditório está mais interessado na sua mensagem.

- **Antes de falar:** Alguns minutos antes de iniciar sua apresentação adote o seguinte procedimento:
- **Faça uma prece mentalmente:** ela estabelecerá sintonia com os amigos espirituais. Envolvido pelas energias reconfortantes e desejoso de realizar sua tarefa, você conseguirá a descontração ideal (inclusive muscular);
- **Ponha-se em boa disposição mental:** diga para si mesmo:

“Tenho necessidade de falar!
Para quê?
Gosto de expor minha idéia e já demonstrei
Vontade de falar. E tenho uma excelente doutrina para expor.
Estas pessoas que aqui estão aguardam interessadas
Pela minha fala.
É uma boa oportunidade que se me oferece.
Devo aproveitá-la o mais possível.
Quanto mais falar mais me desenvolverei.
Por quê receio? Não é difícil falar sobre o que conheço.
Estou familiarizado com o assunto.
Sei como dizê-lo para transmitir o que sinto e se passa em minha alma.
Como estou começando, sinto agora certa dificuldade, que
Irá desaparecendo em seguida, com o treino.
Vou falar com firmeza e naturalidade.
Não vou imitar ninguém. Falarei com voz clara, pausadamente,
E com boa dicção.
E vou falar com entusiasmo, para atrair e interessar.
Vou me dirigir à assistência com um ar saudável e de confiança.
Gosto de falar a amigos, por que não falarei a muitos amigos?

6. CONDIÇÕES ESPIRITUAIS

6.1. Cultivo da humildade.

O expositor deve acolher com respeito e humildade toda crítica, procurando avaliar cuidadosamente o seu trabalho e, assim, melhorar cada vez mais a tarefa que lhe cabe. Procurará reagir com todas suas energias contra os elogios descabidos, para que a vaidade não lhe venha obscurecer o próprio campo de ação.

Nunca deve julgar-se imprescindível ou privilegiado, criando exigências ou solicitando considerações especiais. Porém, não deve fugir às oportunidades que lhe forem oferecidas, aceitando-as com espontaneidade e naturalidade.

6.2. Respeito ao próximo e trato fraterno.

O respeito ao próximo fará com que o expositor mantenha a compostura em todos os sentidos. Procurará dirigir-se ao auditório com simpatia e fraternidade.

15

Os ouvintes sentem quando aquele que lhes fala transmite, além de sua inteligência, o seu coração. Essa maneira de ser e de agir apresenta, dentro dos objetivos da Doutrina, alta significação espiritual.

6.3. Serenidade.

O expositor deve manter-se tranqüilo e confiante, dominado pela certeza de que está a serviço do amor e da verdade.

6.4. Fé e entusiasmo.

Uma palestra realizada friamente, sem animação, sem vivacidade, não convence ninguém. O expositor entusiasta fala animada e fervorosamente; suas frases são vigorosas, ardentes, afirmativas.

O expositor de fé, aquele que acredita firmemente no que prega, tem convicção de que está transmitindo ensinamentos relevantes àqueles que o ouve. Sabe ser natural e entusiasta, porque fala com o coração transbordante de fé luminosa e pura. Está impregnado de forças que o ideal superior e a assistência dos bons Espíritos lhe transmitem. Por isso, deve evitar dizer o que não sente; o que não está em seu coração. A confiança no que sente e no que diz infunde aos outros respeito e atenção.

6.5. Vivência daquilo que prega.

Não se pode exigir que o expositor seja uma criatura perfeita, pelo simples fato de que esteja sendo instrumento de difusão da Doutrina Espírita e das sublimidades do Evangelho. A criatura humana, em sua generalidade, ainda se caracteriza por muitas imperfeições. Porém, é necessário que aquele que prega a Doutrina realize os maiores esforços para dar exemplo daquilo que ensina. Logo, deve procurar ser coerente na sua maneira de sentir, de pensar e de agir.

“Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más”.

(O ESE – Cap. XVII, item 4)

O expositor, em sua vida diária, deve procurar ser justo e praticar o bem. Terá forças interiores que se revelarão nos momentos precisos. Quem é interiormente forte revela, através de suas expressões, a força que o anima.

6.6. Mediunidade na exposição.

“Ser médium é ser ajudante do Mundo Espiritual. E ser ajudante em determinado trabalho é ser alguém que auxilia espontaneamente, descansando a cabeça dos responsáveis”.

(Seara dos Médiuns – FCX - Emmanuel, pg. 237)

16

A questão da mediunidade em explanação doutrinária tem sido objeto de controvérsias no movimento espírita. Há os que defendem que o orador deve falar mediunizado e, portanto, não necessita preparar na hora que tudo lhe será dito. Há os que postulam que contar com os Espíritos desencarnados não significa depender deles e, por isso, o quanto o expositor puder fazer para *descansar a cabeça dos responsáveis* terá sido melhor.

A própria Espiritualidade parece adotar essa segunda opinião. E é lógico o fato de que os Espíritos não nos querem como dependentes deles, mas colaboradores, que lutam por se aperfeiçoar cada vez mais, conquistando a auto-suficiência e a capacidade de orientar os que vêm na retaguarda.

6.7. Sintonia espiritual.

O expositor espírita deve habituar-se a dedicar parte de seu tempo, diariamente, se possível, para a leitura de boas obras, meditações, elaborações mentais, conclusões, etc. Além do que, deve recorrer à prece e procurar conservar-se em bom estado espiritual, pelo cultivo dos bons pensamentos e boas ações, objetivando alcançar a sintonia com os benfeitores do Plano Espiritual Superior. A sintonia não é uma atividade mágica ou mecânica, mas conquista do Espírito, que demanda auto-educação sistemática e profunda.

Em qualquer tempo a sintonia com a Esfera Superior é imprescindível. Segundo Emmanuel (“O Consolador”, psicografia de FCX, FEB, Questão 22) ***“... o campo do estudo perseverante, com o esforço sincero e a meditação sadia, é o grande veículo de amplitude da intuição em todos os seus aspectos”.*** Para estabelecer sintonia mental com a Espiritualidade o expositor deve estudar sempre, orar muito, meditar bastante, dedicar-se às tarefas de auxílio aos necessitados, manter o “Culto do Evangelho no Lar”, disciplinar o pensamento e a conversa em assuntos edificantes e, enfim, buscar a vivência do Evangelho de Jesus em todos os instantes.

Sintonia não é obra de instantes mas conquista paulatina. O expositor que exemplifica recebe a confiança natural da Espiritualidade a qual, então, conceder-lhe-á mais recursos de trabalho, por acréscimo de misericórdia.

“O campo do estudo perseverante, com o esforço sincero e a meditação sadia, é o grande veículo de amplitude da intuição, em todos os aspectos”.

(Emmanuel, O Consolador, questão nº 122).

7. O TRATO COM O PÚBLICO

Certos tipos de exposição comportam, ou até pedem, um contato maior do expositor com o público, através de perguntas e respostas, debates, coletas de opiniões, etc. Outras exposições, porém, seria melhor que não fossem interrompidas, mas o público, às vezes, intervém espontânea e inesperadamente. O expositor, em qualquer situação, deverá ser sempre educado e atencioso, tanto para provocar como para acolher as manifestações do público, porque é o grande momento em que, “solo”, deve trabalhar a mensagem espírita e para o qual não pode deixar de exemplificar a fraternidade da conduta cristã.

17

7.1 O expositor espírita – regra geral.

- Responderá o que souber e acolherá o que puder, de modo que não haja prejuízo do interesse da maioria dos ouvintes com relação ao tema em estudo e nem do horário disponível.
- Quando não souber responder, de momento, declarará com naturalidade seu desconhecimento, propondo-se a procurar a informação para trazê-la ao grupo posteriormente.
- Às vezes, uma pergunta poderá estar fora do tema, mas se o expositor der uma resposta rápida, resumindo o entendimento doutrinário a respeito sem entrar em maiores detalhes, deixará satisfeito quem perguntou e poderá seguir na sua exposição.
- Porém, se a questão for inoportuna, porque sua explicação demandaria muito tempo ou requereria maiores conhecimentos doutrinários dos ouvintes, informar sucintamente; se possível, colocar-se à disposição do interessado para atendimento em separado, ou indicar livros ou cursos que possam esclarecê-lo. Este fato ocorre comumente em temas polêmicos e contraditórios.

- Também é de boa técnica informar previamente ao público que, ao final da exposição, se responderá às perguntas que quiserem formular (se for previsto no programa do orador ou do Centro). Convém lembrar que as pessoas que intervêm inoportunamente, desconsiderando os outros, muitas vezes são:
 - Almas difíceis, que mais precisam de compreensão e tolerância para permanecer na casa espírita e receber seus benefícios, a fim de se melhorarem psíquica e espiritualmente;
 - Obsediados que são utilizados pelos adversários espirituais para tumultuar o ambiente e tirar de suas vítimas a oportunidade de socorro espiritual que elas poderiam receber.

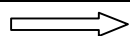
Evite demonstrar irritação ou impaciência, dar respostas rudes, irônicas ou agressivas. Somente quando a intervenção inconveniente do público ultrapassar o limite do tolerável é que caberá tomar providências mais enérgicas, mas, mesmo assim, com equilíbrio emocional e sem violência. Se a reunião estiver sob a responsabilidade do expositor caberá a ele tomar essas providências; se outros forem os encarregados, e deixarem de tomar as providências devidas, o expositor deverá solicitar-lhes que o façam.

7.2. Tipos De público.

Público básico

Ações recomendadas

Assistidos



-Apelar para os sentimentos;
 -Temas evangélicos;
 -Exemplos práticos.

Colaboradores	⇒	-Incentivar o estudo permanente da Doutrina; -Valorizar a troca de idéias; -Desarmar o espírito crítico.
Freqüentadores	⇒	-Motivar para o estudo do Espiritismo; -Facilitar o entendimento dos princípios doutrinários -Esclarecer quanto aos benefícios que pode receber.
Simpatizantes	⇒	-Dar argumentação segura e consistente; -apelar para a razão e o sentimento.
Não Espíritas	⇒	-Argumentar com razão; -Fornecer dados concretos; -Adotar temas científicos e filosóficos; -Não colocar em questão religiões;

O público masculino tende a valorizar o senso de justiça e responsabilidade. Não costuma aceitar o elogio do expositor e não tolera arrogância, bem como excesso de humildade.

O público feminino tende a aceitar bem elogios, gosta de poesia, de valorizar a sensibilidade e os sentimentos e o expositor pode usar mais expressividade na voz.

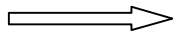
As características de cada tipo de público são genéricas e as ações recomendadas devem ser estudadas e adequadas a cada caso concreto. O perigo a que o expositor não deve se expor é cair na HIPOCRISIA. O público percebe e passa a rejeitar seus pensamentos.

Faixa de Idade

Ações recomendadas

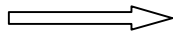
Infantil (7 a 12 anos)	⇒	* Tempo máximo de dois períodos de 20 minutos; * Muitos recursos didáticos; * Gesticulações e ilustrações; * Palavras simples e de significado claro.
Adolescentes: (13 a 17 anos)	⇒	* Tempo máximo de 40 minutos; * Não forçar a argumentação; * Recursos didáticos e ilustrações; * Exemplificar com imagens.
Jovens: (18 a 29 anos)	⇒	19 * Aguçar o idealismo; * Demonstrar entusiasmo; * Falar do futuro; * Valorizar suas observações.

Adultos:
(30 a 59 anos)



- * Salientar justiça e responsabilidade;
- * Demonstrar muito interesse.

Maduro:
(mais de 60 anos)



- * Falar bem do passado;
- * Mostrar respeito;
- * Agir com ponderação;
- * Não esconder nada.

Conheça o assunto e saiba apresentá-lo de forma inteligível. Mostre boa vontade, esforço e um certo carinho que só conseguem aqueles que gostam e acreditam no que fazem.

Tenha noção do tempo, não fuja do tema e não “encha lingüiça”.

Não interprete nenhum personagem, seja você mesmo. Mostre sinceridade, distribua com generosidade entusiasmo e idealismo. Demonstre segurança e tranquilidade.

Difícilmente você estará falando para um grupo homogêneo em relação ao grau de conhecimentos e nunca falará a um grupo com as mesmas experiências e sentimentos. Assim, procure satisfazer a maioria do seu público, mesmo que apenas razoavelmente. Se dirigir sua apresentação para atingir um grupo seletivo, provavelmente obterá uma avaliação ruim dos 2/3 restantes.

“O orador é responsável pelas imagens mentais que plasme nas mentes que o ouvem”. (Conduta Espírita, André Luiz, Cap. 14).

8. PLANEJAMENTO DA PALESTRA

Sinteticamente, resumiremos em cinco os passos da preparação de uma palestra espírita:

- Primeiro passo** \Rightarrow Escolher o tema;
- Segundo passo** \Rightarrow Pesquisar na bibliografia;
- Terceiro passo** \Rightarrow Estudar o material escolhido;
- Quarto passo** \Rightarrow Formular a **Q.C.** - “idéia mãe”;
- Quinto passo** \Rightarrow Esboçar e redigir a palestra.

20

8.1. Escolher o tema.

Expositores e dirigentes encontram naturais dificuldades nesse setor. Como a Doutrina é muito ampla, a própria variedade às vezes confunde. Boa parte utiliza a seqüência de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e o “Livro dos Espíritos”. O expositor

deve acatar sempre o tema fornecido pela instituição que o convidou. As principais fontes de pesquisa e inspiração do expositor espírita estão no quadro abaixo:

- Obras da Codificação:
 - Mais divulgadas;
 - Menos divulgadas.

- Bíblia:
 - Velho Testamento;
 - Novo Testamento.

- Literatura Espírita:
 - Clássica;
 - Atual.

- Literatura Geral:
 - Literatura Universal;
 - Autores espiritualistas;
 - Fatos históricos;
 - Biografia de grandes personalidades.

- Temas circunstanciais:
 - Datas comemorativas;
 - Finalidades específicas.

8.2. Pesquisar na bibliografia.

- **Pesquisar:**

Selecionar textos a serem posteriormente estudados.

- No ÍNDICE procurará identificar o assunto nos títulos;

21

- No TEXTO, encontrada a referência, lerá:
 - ✓ O primeiro parágrafo;
 - ✓ As primeiras palavras de cada parágrafo subsequente;
 - ✓ O último parágrafo.

Desse modo, saberá identificar o assunto com precisão, verificando se aborda ou não o tema em pesquisa. Se aprovado, bastará anotá-lo e marcá-lo, reservando-o para estudo aprofundado.

Biblioteca do Expositor Espírita:

A formação da biblioteca está subordinada aos gostos e inclinações de quem a forma, como reflexo de sua personalidade e do seu adiantamento intelectual.

➤ **Obras Espíritas:**

- ✓ Allan Kardec – obras completas;
- ✓ Léon Denis – obras completas;
- ✓ Francisco Cândido Xavier – obras completas;
- ✓ Ivone Pereira – Obras completas;
- ✓ Divaldo P. Franco – Obras completas;
- ✓ Obras biográficas obre vultos espíritas;
- ✓ Demais obras de bibliografia espírita, estudando-a sempre, qualquer que seja o nível de idoneidade.

➤ **Obras referentes às religiões:**

- ✓ O Novo Testamento;
- ✓ Obras que sintetizem o pensamento doutrinário de outras crenças;
- ✓ Obras que sintetizem a história do pensamento religioso e, em especial, do Cristianismo;
- ✓ Obras biográficas sobre vultos do Cristianismo e das demais correntes religiosas.

➤ **Obras espiritualistas e psicológicas.**

➤ **Obras referentes à língua portuguesa:**

- ✓ Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa – Aurélio B. de Holanda;
- ✓ Gramática da Língua Portuguesa – Napoleão Mendes de Almeida;
- ✓ Obras que versem sobre a literatura brasileira e mundial.

➤ **Obras sobre oratória.**

22

➤ **Obras literárias:**

- ✓ Conhecer os principais autores de cada escola literária brasileira e ler suas melhores obras;
- ✓ Conhecer os principais autores da literatura universal e ler suas melhores obras, pesquisando, também, as melhores traduções.

8.3. Estudar as páginas escolhidas.

Estudar é pensar e não apenas ler ou memorizar. Paulo, o Apóstolo, recomendou “ler tudo e reter o que for bom” (Tessalonicenses, 5:21). Será preciso, mais do que entender ou reter palavras, analisar e criticar o texto, de maneira a separar o “joio do trigo”, conforme ensinou Jesus.

- **Folha de idéias:** Antes de iniciar o estudo devemos tomar uma folha avulsa de papel, destinada às anotações, já visando à estruturação da palestra. Cuidado para não escrever demasiadamente na folha de idéias, devemos diferenciar idéias de palavras.
- **Técnica de leitura:** Há quatro técnicas básicas de leitura:

Leitura repetida: Ler diversas vezes com atenção cada texto, até certificar-se de que apreendeu os pensamentos do autor. Anote as idéias que achar interessante e proveitosa.

Leitura sublinhada: Precede uma leitura inicial, descontraída, visando perceber o sentido global do texto. Em seguida fazer uma segunda leitura desta vez sublinhando as palavras e frases consideradas chaves, que resumam em si o pensamento expressado em cada parágrafo.

desenvolvidas no texto faz-se um resumo, de onde poderão ser retirados os pontos aproveitáveis. Este método pode ser aplicado como complemento de qualquer dos anteriores.

Leitura comentada: Com lápis na mão fará o leitor a retirada das principais opiniões do autor e as comentará, citando outros textos e acrescentando idéias aos pensamentos em estudo. A arte de tecer comentários não é das mais simples. Apesar disso o expositor necessita exercitar-se nela o quanto puder, vez que falar em público não será fazer outra coisa, que não comentar. Explicar, definir, reiterar e tirar conclusões representam partes didáticas desse ofício.

Um dos vícios menos recomendável e mais perigoso na Doutrina Espírita, na análise de seus textos, são as idéias próprias, o germe do personalismo. Se o Espiritismo não é dogmático e todos estão guindados ao dever de raciocinar, nem por isso poderá o corpo doutrinário permanecer sujeito aos pontos de vista dos principiantes que mal o conhecem com profundidade. Destarte, todo cuidado é pouco com as idéias pessoais.

- **Sugestões:**

Procure abordar os temas com criatividade e versatilidade. Há temas conhecidos e cansativamente comentados, para os quais o expositor não poderá dispensar a criatividade e versatilidade, caso contrário sua palestra será desinteressante e repetitiva.

- Procure textos pouco lembrados ou inéditos para citações. – Ex: “*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*” já está muito repetido, podemos citar a Primeira Epístola de João “*Amados, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor*”.(Cap. 4,7).
- Nos comentários sobre temas comuns busque ensinamentos novos. Ex: “*Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados*”. Há dois tipos de sofrendores – os aflitos e os sobrecarregados. Os aflitos sofrem espiritualmente (dores morais, decepções, tristezas); os sobrecarregados sofrem materialmente (dores físicas, doenças, pobreza extrema, aleijões, etc.). Não confundir sofrendor com obsessivo.
- Traga os ensinamentos para situações práticas e objetivas. Ex: A caridade pode ser praticada nos menores gestos: um abraço, um aperto de mão, uma frase otimista.
- Cite episódios da vida de homens ilustres, que recomendem o ensino comentado. Ex: Usar a morte de Sócrates para uma exposição a respeito da morte.
- Adicione aos comentários histórias, lendas, fatos históricos. Ex: Usar Humberto de Campos, Néio Lucio, etc. Não use demais para não cansar a platéia.

- **Busque sempre a síntese.**

A síntese é a alma da verdade. Prolixidade não significa lógica (*Palavras do Infinito, FCX, Humberto de Campos, pg 82*). Ao escrever faça como se telegrafasse. Verifique se cada vocábulo tem significado específico e utilidade certificada, ante às idéias a serem expressas. Suprima adjetivos, economize substantivos e verbos, evite floreios. Prefira as frases curtas e diretas.

8.4. Formular a Questão Central (“idéia mãe”).

A Questão Central é um pensamento único, expresso numa frase simples e clara e, se possível, direta. Ela deve resumir a essência do que se quer provar ou demonstrar através da palestra inteira. Em torno dela e/ou em direção a ela se encaminharão todos os assuntos e ilustrações.

8.5. Estrutura de uma exposição.

Toda comunicação oral (aula, discurso, conferência, etc.), para ser completa, deve possuir Início, Meio e Fim. A exposição, assim, pode ser dividida em três partes:

- **Introdução - (início).**

Trata da abertura (preparação), onde se inclui a saudação e, se for o caso, das explicações sobre a natureza do trabalho, do tema e assim por diante.

Faz parte da Introdução o vocativo (cumprimento ao público) que é uma forma educada de nos dirigirmos à platéia, chamando sua atenção para nossa presença. Objetivos:

- **Captar a atenção:**

- ✓ Fazer uma pergunta. Ex: Por quê a água apaga o fogo? O tema seria “Água Fluidificada”;
- ✓ Enunciar um fato surpreendente. Ex: Em Guarulhos há espíritas;
- ✓ Contar um fato interessante relacionado com o tema;
- ✓ Apresentar uma citação (Há várias nos livros espíritas);
- ✓ Apresentar uma ilustração, um cartaz ou um objeto relacionado com o tema, etc.

- **Resumo do que vai dizer:** Aqui você deve mencionar o ponto principal de sua exposição. Exemplos:

- ✓ Esta noite vou falar sobre...
- ✓ Meu ponto essencial é este...
- ✓ Meu assunto desta noite é...

- **Introduções inadequadas:**

- ✓ Que não tenham relação com o assunto;
- ✓ Que não sirvam para conquistar o público;
- ✓ Que sejam muito previsíveis;
- ✓ Que coloquem em risco a estabilidade e a segurança do expositor diante dos ouvintes.

25

- **Devemos evitar nas introduções:**

- ✓ Fazer perguntas quando não desejamos respostas;
- ✓ Pedir desculpas ao auditório;
- ✓ Tomar partido sobre assuntos polêmicos ou controvertidos;

- ✓ Começar com palavras inconsistentes;
- ✓ Usar chavões ou frases feitas;
- ✓ Criar expectativas que não possam ser cumpridas;
- ✓ Mencionar acontecimentos que incomodam o público, sem condições de resolvermos o problema;
- ✓ Explicar a falta de tempo para expor o que desejamos;
- ✓ Ser muito previsíveis.

- **Assunto Central - (meio).**

Preparação da palestra: é o momento onde se aborda tudo sobre o assunto em foco. É desenvolvimento do tema propriamente dito. Pontos principais:

- **Escolha de tópicos:** Enumere de dois a cinco tópicos. Muitos ouvintes não conseguem se lembrar de mais de cinco tópicos. Se você apresentar apenas um estará baseando toda a sua exposição em apenas uma tentativa e, se os ouvintes não o aceitarem, rejeitarão seu discurso.
- **Ordenação lógica:** Dispor os tópicos numa ordem lógica para que as idéias sejam mais bem compreendidas pelos ouvintes. A lógica é a forma de raciocínio que conduz ao conhecimento da verdade; facilita, organiza e dá coerência às idéias.
- **Sustentação:** Escolha seu ponto principal e use algumas das técnicas abaixo para provar, esclarecer, tornar memorável ou aumentar o interesse pela palestra: exemplos, citações, estatísticas, histórias, definições, comparações, meios auxiliares audiovisuais.
- **Refutação:** Consiste na defesa de possíveis objeções expressas ou não pelo público. O momento de refutar será:
 - ✓ Imediatamente, se a objeção for para um argumento específico;
 - ✓ Logo após a idéia ser apresentada, se a objeção for para todos os argumentos ou um grande número deles;
 - ✓ Desde o princípio do discurso, se soubermos que inevitavelmente haverá objeções.

Formas de refutar:

- Pela negativa das afirmações feitas sem provas;
- Pela defesa dos argumentos, contestando as provas contrárias;

26

Dependendo da qualidade dos argumentos a refutação deverá obedecer aos seguintes critérios:

- Se todos forem fracos, refutar isoladamente;
- Se todos forem fortes, refutar ao mesmo tempo;

- Se tiverem qualidade diferente, o mais forte deverá ser refutado no início e o mais fraco no fim.

Tratando-se de divulgação da Doutrina Espírita recomenda-se ainda a observação de que a exposição deve ser simples, objetiva, dinâmica e, sobretudo, útil.

- **Conclusão - (fim).**

É o encerramento onde a idéia central é realçada para ser fixada pelo público.

- **Recapitulação.**

Na recapitulação contamos, numa frase ou duas, a essência do conteúdo que acabamos de apresentar. Poderá ser suprimida se a linha de argumentação for simples e curta.

No epílogo as palavras devem ser dirigidas mais para o sentimento do que para a razão. É o momento mais apropriado para o uso da emoção.

Podemos encerrar a apresentação de duas maneiras:

- ✓ Aumentando a velocidade e a intensidade da fala;
- ✓ Diminuindo a intensidade e a velocidade da fala.

Exemplos:

- *E então, permita-me resumir...*
- *Agora, permita-me reiterar os três pontos principais...*
- *Porém, o que aprendemos hoje...*
- *Em resumo. Etc...*

- **Afirmação memorável.**

Deve ser breve porém, **memorável**. Utilizar qualquer técnica usada para captar a atenção.

- ✓ Se usar estatística, projete numa tela;
- ✓ Convoque para a ação: “*A primeira coisa a fazer amanhã é ler o E. S. E!*”
- ✓ Encerrar contando um fato alegre ou que expresse princípios morais.

Observações importantes:

- ✓ Concluindo a apresentação não se desculpe, não diga que esqueceu algum tópico, não prolongue o assunto, etc.;

- ✓ Evitar palavras hesitantes ou frases inconsistentes, como por exemplo: “... *Era isso o que eu tinha para dizer...*”;
- ✓ Não ficar parado diante do público esperando que os aplausos cessem;
- ✓ Não revelar seus sentimentos negativos sobre a sua performance;
- ✓ Programar sua saída para não ficar parado diante do público sem saber para onde ir;
- ✓ Utilizar expressões como “*Assim sendo...*”, “*Desta forma...*”, se a conclusão foi fraca e sem vibração, pois estas expressões darão abertura para um novo encerramento com condições de resgatar a emoção suprimida.

- **Resumo.**

- **Introdução - 15%**

- ✓ Saudação aos presentes;
- ✓ Captar a atenção;
- ✓ Expor resumidamente o que vai dizer.

- **Assunto Central (Exposição) - 75%**

- ✓ Escolha de tópicos;
- ✓ Ordenação lógica;
- ✓ Sustentação;
- ✓ Refutação.

- **Conclusão - 10%**

- ✓ Recapitulação;
- ✓ Afirmação memorável.

Portanto, em uma palestra de 60 minutos, teríamos:

- Introdução (15%) – 9 minutos;
- Exposição (75%) – 45 minutos;
- Conclusão (10%) – 6 minutos.

8.6. Planos e preparos de temas para palestras.

Planos de aula ou exposição

Primeira Etapa:

- Escolher o tema;
- Delimitação do assunto;
- Formular a Questão Central.

Segunda Etapa:

- Determinar a duração da aula;
- Adequar o tema para o tempo previsto;

Terceira Etapa:

- Características do público alvo (grau de instrução, idade, interesse, etc.);

Quarta Etapa:

- Levantamento dos Objetivos: Gerais ou Específicos.
 - ✓ Gerais: aplicável a grande número de coisas ou indivíduos;
 - ✓ Específico: que tem aplicação restrita.

Quinta Etapa:

- Levantamento bibliográfico;

Sexta Etapa:

- Escolha do procedimento:
- Aula expositiva, estudo em grupo, simpósio, debates, etc.

Sétima Etapa:

- Elaboração do conteúdo:
- Desenvolver: Introdução – Assunto Central – Conclusão.

Oitava Etapa:

- Seleção do material didático: utilização dos recursos audiovisuais.

Nona Etapa:

- Determinação de instrumento de avaliação: questões objetivas, demonstração prática, etc.

Plano para exposição evangélica

Primeira Etapa:

- Delimitação do assunto > tema;
- Base bibliográfica > “*Evangelho Segundo o Espiritismo*”.

Segunda Etapa:

- Caracterização do público alvo;
- Tipo de assistência espiritual;
- Características básicas dos assistidos;
- Duração da apresentação (adequar o assunto: AIDS, suicídio, aborto,...)

Terceira Etapa:

- **Definir objetivos** > informar ou formar.
 - ✓ **Informar:** levar informação;
 - ✓ **Formar:** renovação dos pensamentos e atos.
- **Definir o tipo de exposição** > Evangélica ou Evangélica doutrinária:
 - ✓ **Evangélica** > Ex: A3 – duração – 10 minutos;
 - ✓ **Evangélica doutrinária** > Ex: A2 – duração – 40 minutos.

Quarta Etapa:

- Levantamento bibliográfico > obras a serem utilizadas;
- Importante > buscar explicações no Novo Testamento;
- Essencial > estudo analítico.

Quinta Etapa:

- **Elaboração do conteúdo** > definição dos aspectos básicos a serem abordados em função do tempo programado;
- **Seqüência lógica de idéias;**
- **Objetividade** > conotação dos aspectos básicos com o comportamento social, familiar, pessoal, etc.

30

Sexta Etapa:

- Memorização > leitura do planejamento (ler várias vezes);
- Gravação e audição do texto (corrigir erros e reformular, se for o caso);
- Importante > *memorizar não é decorar é interiorizar o texto;*

- Treinamento de postura e olhar > no espelho.

Sétima Etapa:

- Apresentação > autoconfiança: “*Fiz a minha parte!*”;
- Autocontrole > manter a calma, tranquilidade, segurança, equilíbrio, amor.

Exemplo de preparo de tema para a palestra no DEPASSE:

Primeira Etapa:

- Delimitação do assunto > “*Paciência*”;
- Base bibliográfica > “E.S.E.”, A.K., Cap. IX, item 7.

Segunda Etapa:

- Caracterização do público > *Assistidos do DEPASSE*;
- Tipo de assistência espiritual > *Evangélica*.

Terceira Etapa:

- Características básicas dos assistidos > *público heterogêneo*;
- Duração da apresentação > *10 minutos*.

Terceira Etapa:

- Definir objetivos > *Formar*.
- Objetivos > *renovar pensamentos e atos; oferecer momentos de esperança; serenar ansiedades; criar condições propícias ao recebimento do passe; elucidar uma das causas das aflições que nos atinge > A FALTA DE PACIÊNCIA*.
- Tipo de exposição > *Evangélica*.

Quarta Etapa:

- **Levantamento bibliográfico:**
 - ✓ “Espírito da Verdade”, item 68 e 480;
 - ✓ “Pão Nosso”, item 7 e 8;
 - ✓ “Livro da Esperança”;
 - ✓ “Convites da Vida”;
- 31
- ✓ “Repositório de Saudades”;
 - ✓ “Fonte Viva”, item 129;
 - ✓ Etc.

Aspectos importantes na formulação do conteúdo:

Destacar a Paciência como vontade necessária a ser conquistada por todos; trata-se de uma virtude ativa, que nos capacita a enfrentar as dificuldades sem irritação e alarde. “*Na paciência ganhareis a vossa alma*”.

Ler: “*Reflexões sobre a função do Expositor Espírita*”, de Silvia Cury.

Fonte: trabalho elaborado pela professora Lúcia da FEESP.

9. ORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO

Durante a exposição é comum o expositor desviar-se do tema e, por vezes, omitir pontos capitais. Por quê isso ocorre? O que leva à ocorrência desse fato? O assunto é de extrema gravidade, porque compromete todo o trabalho e desvirtua os objetivos colimados.

Para esclarecer o assunto valemo-nos da obra do Prof. Joel F. de Souza – “**COMO ORGANIZAR O NOSSO PENSAMENTO NUMA SALA DE AULA**” – proferida no C.E.I. em 27/04/02.

9.1. Como organizar o pensamento.

A emissão do termo palestra implica, automaticamente, na idéia sobre qual será o tema. O tema é o assunto ou a proposição que se quer desenvolver e, portanto, envolve uma QUESTÃO CENTRAL.

- **Primeiro passo: descobrir a Questão Central.**

A descoberta da Q. C. se constitui no primeiro passo para organizarmos o pensamento. A questão é central porque, como exemplifica o Prof. Joel, se assemelha ao centro de uma circunferência, onde todos os conceitos partirão dela como raios e a ela convergirão na forma de argumentos. Portanto, ela é a TESE, ou seja, é a proposição que se apresenta para ser defendida.

Como descobrir a TESE ou Q.C? Ela será a ORAÇÃO PRINCIPAL, ou seja, será o que afirma ou nega algo ou uma idéia. Os argumentos que sustentam a ORAÇÃO PRINCIPAL estarão distribuídos nas ORAÇÕES SUBORDINADAS.

Por quê são chamadas SUBORDINADAS? “*Porque elas, isoladas, não fazem sentido algum, não formando uma oração, um sentido do pensamento, logo, se subordinam a algo, à Oração Principal*”. A Oração Subordinada precisa estar ligada à Oração Principal que é a Questão Central.

32

“*Como ligar as Orações Subordinadas às Orações Principais?*”.

R= Respondendo às seguintes questões: O que é isto? Qual é o porquê/motivo disto? Como isto ocorreu? Quem fez? Para que fez? De onde veio isto? Para onde vai isto? Etc.”

“*Como estão vendo, o pensamento começa a se organizar pela gramática. E por que pela gramática?*”.

R= Porque é a gramática que contém as regras do pensamento explicitado por escrito ou verbalmente; é a gramática que vai enformar o pensamento; é a gramática que vai guiar o pensamento. Em outras palavras, organizá-lo, fazendo surgir, a partir desta descoberta, a necessidade de a conhecermos. Todo expositor deve ter uma – boa – e estudá-la, porquanto o pensamento pensa mediante a LÓGICA das normas gramaticais.

Portanto, pelo exposto, concluímos que o conhecimento das regras gramaticais é imprescindível para descobrirmos a QUESTÃO CENTRAL.

- **Segundo passo: conhecer as regras gramaticais.**

O pensamento se expressa mediante a lógica das normas gramaticais.

Por quê as normas são lógicas?

R. Porque elas expressam a realidade, visto que a realidade só fala do que é real.

Por quê a lógica é importante para o professor e para os alunos?

R. Porque todos pensamos gramaticalmente.

A dificuldade em darmos uma aula organizada, isto é, em escrevermos ou falarmos aquilo que pensamos, reside no desconhecimento das regras gramaticais organizadas do pensamento.

- **Terceiro passo: não perder de vista a Questão Central.**

Conceito de organizar:

Conceito: É a idéia ou noção que formamos acerca de qualquer coisa. No caso é a idéia que formamos da Questão Central.

Como se forma um conceito?

R. Pela reunião das características da coisa, objeto real, pensamento, etc.

O Expositor deve começar falando o que a coisa (Questão Central) é. Assim, dizer o que é a coisa é defini-la. Portanto, temos que falar o tempo todo da Questão Central e NÃO DESVIAR O PENSAMENTO.

Organizar: dispor de tal forma (ordenar) a tornar apto à vida. Na organização do pensamento todos os conceitos emitidos formam um sistema, ou seja, um conjunto ordenado (um organismo vivo) onde tudo se encaixa. Qualquer pensamento fora do contexto não faz sentido.

O próprio conceito de organizar nos informa que o pensamento que vai organizar a aula deve ser orgânico, ou seja, todas as suas partes devem se correlacionar e nada deve alterar essa sintonia, exatamente como ocorre com um organismo vivo.

Importante: A Questão Central (idéia mãe) não deve ser confundida com o tema, que é o assunto da palestra. A Q.C. é a definição, objetivo específico dentro do tema. Um único tema pode ter várias idéias mães; aliás, tantas quantas forem as abordagens possíveis a este tema.

- **Exemplos:** Tema > OBSESSAO.

➤ **Primeira sugestão.**

Questão Central (Idéia mãe): A cura da obsessão está ligada à evangelização do obsediado.

Sugestão de tópicos: falar sobre o processo de sintonia, estudo edificante, prática do bem e oração mudam a frequência vibratória.

➤ **Segunda sugestão.**

Questão Central (Idéia mãe): O obsessor é um irmão desencarnado em desequilíbrio, a quem devemos ajudar.

Sugestão de tópicos: falar sobre dramas aflitivos de existências anteriores, a triste condição espiritual de quem se vinga. A oração e nosso esforço em melhorar podem sensibiliza-lo e então o ódio se converte em perdão e fraternidade.

9.2. Raciocínio.

O raciocínio precisa ser consistente. Seu objetivo será levar o ouvinte a migrar de um possível estado mental de ignorância parcial ou total do assunto, para um estado mental de dúvida, onde possa adquirir mais informações, embora não tenha ainda conseguido processar os dados; ou para um estado mental de certeza que consiste na firme convicção, baseada em elementos sólidos de raciocínio e, ou de experimentação.

➤ **Método.**

Indica O QUÊ fazer. Conjunto de etapas e processo a serem vencidos ordenadamente na investigação dos fatos ou na procura da verdade.

➤ **Técnica.**

Indica COMO fazer. Conjunto de procedimentos peculiares a cada etapa do método, que apresenta uma forma mais hábil, segura e perfeita de se realizar algo.

➤ **Análise.**

É um processo metódico de tratamento do objeto em estudo, que decompõe ou desdobra o todo em partes, ou em seus elementos constituintes, passando a estudar esses elementos, visando conhecer a totalidade.

➤ **Raciocínio Dedutivo.**

Parte do conhecido para o desconhecido. Consiste em tirar uma verdade particular de uma verdade geral na qual está implícita. Parte de premissas gerais (que se pressupõe verdadeiras) para chegar a particular. Seu argumento lógico é que um fato geral encerra em si a explicação de outro semelhante, porém menos geral. Aceita as premissas, a conclusão dos fatos particulares tende a ser acatada. Existe o risco de se chegar a conclusões falsas, veja o segundo exemplo.

✓ **Exemplo 1:**

Todo mamífero é vertebrado.
Todo homem é mamífero.
Logo, todo homem é vertebrado.

✓ **Exemplo 2:**

Se você está no Brasil, está na América do Sul.
Você está na América do Sul.
Logo, você está no Brasil.

➤ **Raciocínio Indutivo.**

Parte do particular (conhecido) para o mais geral (desconhecido). É um processo de raciocínio inverso ao raciocínio dedutivo. A indução (raciocínio que parte do particular) científica (adotada por Kardec) parte da análise do fenômeno para se chegar a uma lei geral.

Observa, experimenta, descobre as causas e testa a universalidade da lei. A ciência oficial ainda não aceitou a ciência espírita pelo fato desta ter utilizado um sentido (mediúnico) não reconhecido em suas pesquisas científicas.

É mais comum o uso do raciocínio indutivo.

O homem tende a tirar conclusões gerais para alguns fatos observados, muitas vezes generalizando características investigadas de modo superficial ou insatisfatório. O exemplo número dois retrata que não há forma de raciocínio infalível, qualquer técnica também pode levar a erro. Portanto, é preciso sempre muita atenção, discernimento e bom senso.

O raciocínio indutivo pode ser sintetizado nas seguintes etapas:

- ✓ Observação do fenômeno;
- ✓ Análise dos elementos constituintes;
- ✓ Indução de hipótese;
- ✓ Verificação da veracidade das hipóteses;
- ✓ Elaboração de lei ou padrão.

Exemplo 1:

Pedro é mortal.
Antonio é mortal.
Roberto é mortal.
Logo, todos os homens são mortais.

Exemplo 2:

Mário é japonês e dirige mal.
Toshio e Ikeda também dirigem mal.
Logo, todos os japoneses dirigem mal.

10. LÓGICA, RETÓRICA E ELOQUÊNCIA.

10.1. Lógica.

Ciência do raciocínio: Aristóteles formulou os princípios da lógica tradicional. Disposição para raciocinar com justeza.

10.2. Retórica.

Segundo Platão é a arte de dirigir mentes. É a teoria da eloquência. Conjunto de regras que objetiva tornar uma fala mais clara e convincente.

A retórica está dividida em três partes:

- Elaborar e estudar os argumentos e provas a desenvolver;
- Estabelecer a ordem das idéias e argumentos;
- Determinar a melhor maneira de expor clara e objetivamente. Interligar os assuntos, evidenciar a argumentação, fortalecendo a idéia central que se deseja transmitir.

10.3. Eloquência.

É a arte de persuadir, de convencer pela palavra. É um relato natural que deve ser desenvolvido, pois todos os possuem em graus diferentes

36.

Todos já apresentaram um assunto numa roda de amigos, obtendo num determinado momento, a total atenção por parte dos ouvintes. Isso é a eloquência. Não é apenas uma

questão de boa fluência verbal. É um complexo de fatores que intervêm, variando de acordo com o expositor, o tema, o objetivo, o local, o público e o momento.

Todos devem procurar alcançar alguns segundos de eloquência, principalmente no final do discurso (exortação).

11. AVALIAÇÃO DE RESULTADOS

11.1. Tabelas de avaliação.

Para efeito de controle e acompanhamento de nossas atuações na tribuna, convém elaborar um tabela com quesitos que possam representar os pontos em que estamos falhando. A tabela deverá conter, além dos quesitos abaixo discriminados, o nome do tema, o local da exposição, o número da folha e data. Tire várias cópias (xérox). Preencha após a palestra ou peça para que alguém o faça durante sua alocação.

11.2. Da preparação.

- O tema foi apropriado à circunstância?
- A pesquisa foi suficiente?
- O conteúdo doutrinário foi rico?
- Houve momentos de abordagem criativa e interessante?
- A preparação baseou-se em Kardec?
- O estudo foi proveitoso e suficiente?
- O esboço foi seguido integralmente?
- O esboço não precisa ser melhorado?
- A palestra foi escrita?
- Os princípios de associação ficaram bem colocados?
- A introdução teve tamanho apropriado?
- A introdução despertou interesse?
- O corpo explicou bem o assunto?
- A conclusão foi curta e expressiva?
- Colocou narrativa e/ou poema na palestra?
- Onde o esboço não foi seguido ficou melhor?
- Emitiu opiniões pessoais, sem base doutrinária?

NOTAS:

- (A) = sim > ótimo
- (B) = nem tanto > pode melhorar
- (C) = não > precisa melhorar

11.3. Da Alocução.

Proceda neste caso conforme estabelecido no item 11.2..

- Chegou ao local da palestra com antecedência?
- Evitou conversações antes da palestra?
- O tempo previsto foi cumprido (margem de 10%)?
- A história foi bem narrada (se houve)?
- O poema foi bem declamado (se houve)?
- Utilizou (e bem) recursos exteriores?
- Demonstrou tranqüilidade e segurança?
- O volume da voz foi ideal para a platéia?
- A pronúncia das palavras foi correta?
- As pausas foram apropriadas?
- A voz não foi monótona, teve colorido?
- Usou ênfase e repetições didáticas nos assuntos importantes?
- A aparência física foi apropriada?
- Usou bem o microfone (se houve)?
- Adotou postura conveniente?
- Percorreu com o olhar toda a assistência?
- Os gestos foram soltos e espontâneos?
- Maneirismos de gestos ou fala foram poucos e passaram despercebidos?

NOTAS:- conforme acima.

12. RECURSOS AUDIOVISUAIS

12.1. Requisitos para uma boa comunicação.

Um requisito importante no processo da comunicação é a utilização dos chamados Recursos Audiovisuais. O ser humano é dotado de sentidos (audição, visão, tato, paladar e olfato) que permitem a captação e percepção das mensagens, aumentando a capacidade de entendimento.

Para saber se um recurso visual é necessário é preciso verificar se ele serve como um reforço da mensagem e ressalta as informações mais importantes, além de esclarecer e complementar as partes mais significativas da apresentação. São particularmente úteis para ajudar no esclarecimento de cifras, dados estatísticos, informações técnicas ou científicas e na simplificação de mensagens complexas.

Um bom visual deve ter:

- Título simples, esclarecedor e de poucas palavras;
- Legendas concisas e legíveis;
- Letras grandes, limitadas a três tamanhos diferentes;

- Frases curtas e com poucas linhas (seis a nove por visual) e, no máximo, seis palavras por linha;
- Cores sem excessos, limitadas a três ou quatro;
- Apenas uma idéia e um desenho em cada visual.

Os Recursos Audiovisuais mais importantes são:

- **Quadro de giz:** tem a grande vantagem de ser recurso espontâneo e creditar autoridade ao expositor; apresenta apenas o inconveniente de ser restrito a pequenos auditórios e consumir muito tempo de apresentação.
- **Cartaz:** Fácil de ser confeccionado a partir de grandes folhas de cartolina, papelão ou outro material semelhante, em que se montam os visuais, tais como frases, esquemas e gráficos. É um recurso durável, econômico e fácil de ser transportado. Seu uso é limitado a pequenos auditórios.
- **Flip-Chart:** Constituído de um bloco de folhas preso na extremidade superior, apoiado sobre a estrutura de um cavalete. É um recurso econômico que permite espontaneidade, credita autoridade ao orador e pode ser usado em várias apresentações com o mesmo visual. Seu uso é limitado a pequenos auditórios devido às suas reduzidas dimensões.
- **Folheto:** Os folhetos são papéis impressos com informações sobre o conteúdo da apresentação. É preciso verificar sempre se os folhetos foram produzidos em número suficiente para todos os ouvintes, ver a qualidade do material e decidir sobre o momento mais apropriado para sua distribuição; em geral o mais indicado é no final.
- **Retroprojektor:** É um aparelho prático e excelente como recurso visual. Os mais modernos são leves, fáceis de serem transportados, silenciosos, de linhas bonitas e harmoniosas. É preciso dominar com segurança seu mecanismo de funcionamento para não ter dúvidas diante do público. Pode ser utilizado com sala iluminada, é adaptável a qualquer ambiente, facilita o contato visual do orador com o público e permite o uso de técnicas como a revelação e sobreposição. Pelo preço elevado só pode ser adquirido se o custo/benefício mostrar-se vantajoso.

É possível utilizar múltiplos recursos visuais ao mesmo tempo e conseguir ótimos resultados, mas tenha em mente que, quanto mais numerosos forem eles, maior será o custo e a possibilidade de erro.

BIBLIOGRAFIA:

- “Falar em Público: Prazer ou Ameaça?” – Eunice Mendes – Ed. QualityMark;
- “Vença o Medo de Falar em Público” – Reinaldo Polito – Ed. Saraiva;
- “Recursos Audiovisuais” – Reinaldo Polito – Ed. Saraiva;
- “Caridade do Verbo” – Luiz Signates;
- “O Expositor Espírita” – Fergs;
- “Manual do Expositor Espírita” – Use;
- “Oratória a Serviço do Espiritismo” – C.E. Allan Kardec – Campinas;
- “Como Organizar o nosso Pensamento numa Sala de Aula” – Prof. Joel F. de Souza – Centro Espírita Ismael – 27/abr/02.
- “Metodologia do Trabalho Científico” – Antônio J. Severino – Cortez Ed. – 17ª Ed./91.

Anízio Fernandes de Moraes; Centro Espírita Ismael: jan/2003.

